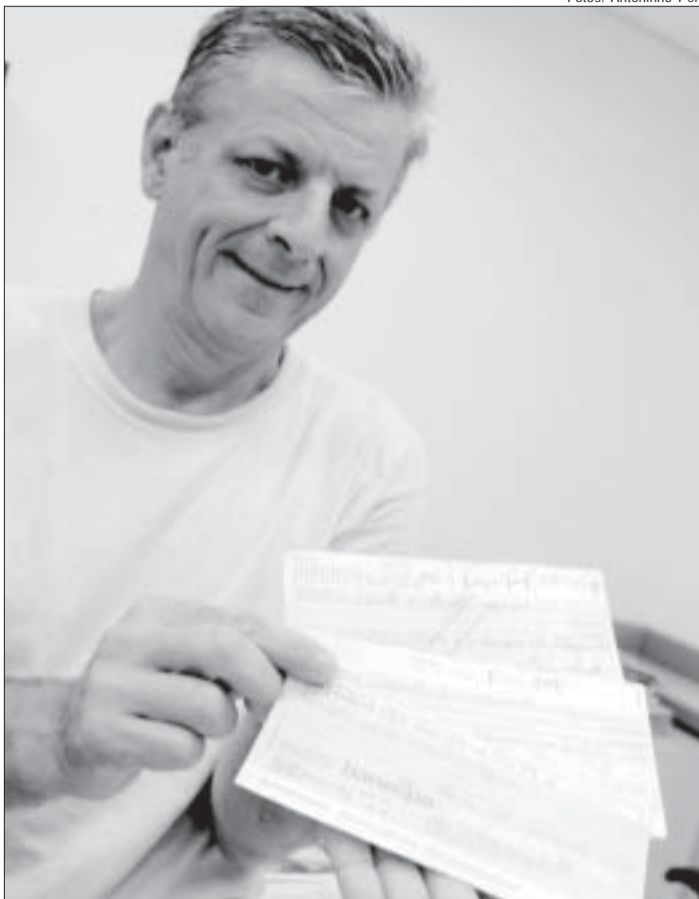








Lattes com "Gaúcho": presença assídua nas salas de aula do Instituto de Física



O professor Moschim exhibe os cheques entregues por Lattes ao barbeiro: erros no preenchimento



Cigarro com o filtro cortado à mão: hábito adquirido em Bristol

queles dois que estão fazendo aquela merda lá na União Soviética", recorda a pesquisadora. A crítica do físico recaía sobre o processo de transformação desencadeado pelo então presidente do país, que acabou sendo identificado por duas palavras: *glasnost* e *perestroika* - transparência e reestruturação, respectivamente.

Como já foi mencionado, Lattes vivia a física 24 horas do por dia. Ou quase, como faz questão de ressaltar Armando Turtelli, docente do Instituto de Física Gleb Wataghin (IFGW) da Unicamp e um dos integrantes da equipe inicial do descobridor do méson pi. Ele conta que nos primórdios da Universidade, quando ainda era aluno de pós-graduação, o laboratório da Física funcionava num porão do prédio onde está instalado atualmente o Colégio Técnico de Campinas (Cotuca), na rua Culto à Ciência, bairro Botafogo. Lá, após o expediente dito normal, os pesquisadores faziam pequenas pausas no trabalho para trocar impressões sobre os mais diversos assuntos, como música, literatura e cinema. "Só não era um sarau completo porque na época não havia serviço de entrega de pizza", diz Turtelli.

A época a que se refere o docente do IFGW coincide com um dos períodos mais truculentos da ditadura militar. Era 1969, meses depois de o presidente Costa e Silva, o mesmo que emprestou nome ao cão de Lattes, baixar o Ato Institucional nº 5, medida que estabeleceu o estado de exceção no país. Como vários de se-

us amigos e conhecidos estavam sendo presos, Lattes costumava ligar o rádio para ouvir o programa "A Voz do Brasil". Quería saber se ele também teria o nome incluído entre os alegados "inimigos da nação". Por sorte, a mão pesada da ditadura não o alcançou.

**Tabaco** – Um vício acompanhava Cesar Lattes desde a juventude: o cigarro. Costumava dizer que a vida não tinha sentido sem o fumo e a bebida. Quando mais forte a marca, melhor. O físico driblava a tecnologia criada para reduzir os níveis de inalação de nicotina e alcatrão cortando o filtro dos cigarros com as mãos. Mas o que quase ninguém sabe é que o hábito de fumar surgiu por causa da ciência. Isso mesmo. Aos 24 anos, quando foi para Bristol, o cientista contou com o financiamento de uma multinacional do tabaco. "Foi assim que papai começou a fumar, em virtude do marketing da época", revela a filha Maria Carolina.

Um episódio hilário marcou o período em que Lattes permaneceu em Berkeley. Após detectar mésons pi produzidos artificialmente, ele passou a ser procurado pela imprensa internacional. O governo brasileiro, preocupado em capitalizar o feito, acionou o seu adido cultural nos Estados Unidos e o incumbiu de fazer uma entrevista, via rádio, com o grande pesquisador tupiniquim. O diplomata era nada menos do que Vinícius de Moraes, que acabou se consagrando na música e na

poesia. O Poetinha, como Vinícius também era conhecido, foi para a entrevista acompanhado de um amigo, o escritor Millôr Fernandes.

**Sonoplastia** – O encontro entre os três, como não poderia deixar de ser, foi divertidíssimo. Conversaram sobre o Brasil, música, literatura e, como sobrou algum tempo, sobre ciência. Mas o momento mais engraçado ficou reservado para o instante da transmissão da entrevista, que teria acontecido a partir de um local longe do laboratório da universidade. Em dada hora, Vinícius avisou: "Agora o cientista Cesar Lattes vai ligar o acelerador de partículas". Como não havia equipamento algum para ser acionado, Millôr teria assumido a função de sonoplasta e reproduzido, com a própria voz, o som do que ele imaginava ser o tal dispositivo tecnológico.

Conhecido em todo o mundo, Lattes tornou-se naturalmente o ídolo de várias gerações de cientistas, embora fosse avesso a badalções. Um desses admiradores é o professor Edson Moschim, da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) da Unicamp. Apesar de ter tido pouco contato pessoal com o físico, ele é uma espécie de credor do descobridor do méson pi. Explique-se. Ainda estudante, Moschim se mudou para o distrito de Barão Geraldo, onde a Universidade está instalada. Casualmente, descobriu que ele e Lattes freqüentavam o mesmo salão de barbeiro. "Quando soube que eu era estudante da Unicamp, o barbeiro co-

mentou que um de seus fregueses era um professor muito famoso da Universidade. Disse, ainda, que o tal docente era um tanto atrapalhado, pois pagava os cortes de cabelo com cheques que sempre eram preenchidos errados. O valor representado pelos numerais nunca coincidia com o descrito por extenso, o que o impedia de sacar o dinheiro", esclarece Moschim.

Ao perguntar quem era o tal cliente "trapalhão", o docente da FEEC ficou sabendo que se tratava de Cesar Lattes, um dos maiores cientistas brasileiros. "A partir daquele dia, eu pedi para que o barbeiro guardasse todos os cheques do professor Lattes, que eu os compraria. Cada vez que eu ia cortar o cabelo, ele me vendia uma folha. Tenho várias delas, embora só tenha encontrado três numa procura rápida", afirma Moschim. Agora, ele pretende encaminhar os cheques ao Arquivo Central do Sistema de Arquivos (Siarq) da Unicamp, para que sejam incluídos entre os documentos que contam a história do físico.

O jeito desligado e despachado de Lattes é destacado pelo cineasta José Mariani, roteirista e diretor do documentário "Cientistas Brasileiros", que conta as trajetórias do físico da Unicamp e do seu colega José Leite Lopes, que o ajudou a fundar o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF). Conforme Mariani, foi muito difícil entrevistar Lattes. "Ele falava apenas o que queria e sempre respondia uma

pergunta com outra pergunta. Mas foi muito carinhoso, sem demonstrar qualquer afetação. Ao final das filmagens, quando fui me despedir, ele simplesmente me disse: já vai tarde. Depois que viu o filme, ele afirmou numa entrevista que faltava mulher..."

**O erro** – Mesmo os considerados gênios estão sujeitos a erros. E com Cesar Lattes não foi diferente. Na década de 1980, ele estava envolvido com experiências que tentavam contestar a teoria da relatividade, enunciada por Albert Einstein em 1905. Depois de inúmeros cálculos e ensaios, Lattes finalmente pensou ter chegado ao resultado que comprovava a sua hipótese. Trocando em miúdos, Einstein dizia que a velocidade da luz no vácuo é a mesma para todos os observadores em referenciais inerciais e não depende da velocidade da fonte que está emitindo a luz. Para Lattes, a velocidade da luz dependeria, sim, da velocidade de referência.

Os resultados das experiências foram, então, tornados públicos. A repercussão não teria sido tão grande, caso o autor não fosse Lattes, cientista de renome mundial. Ocorre que pouco tempo depois, o próprio físico identificou um erro nas experiências que sustentaram as suas conclusões. Até hoje, contam os membros da equipe inicial de Lattes, não se sabe ao certo qual foi o equívoco. O professor Edison Shibuya, do IFGW da Unicamp, amigo e ex-orientado de Lattes, formula uma hipótese para explicar o que teria acontecido. Segundo ele, Cesar, como costuma chamar o descobridor do méson pi, era uma pessoa extremamente simples e que levava essa simplicidade para os laboratórios.

Por isso, alguns equipamentos utilizados por Lattes estavam longe de ser *top* de linha. "Penso que a aparelhagem usada por Cesar não tinha a excelência e a precisão necessárias para a execução daqueles experimentos. Naquelas circunstâncias, até mesmo um gerador poderia ter interferido no funcionamento dos equipamentos, provocando uma distorção nos resultados dos ensaios", imagina Shibuya. Ele não se recorda se Lattes chegou a admitir publicamente o erro, mas o fez para os amigos em mais de uma oportunidade. O fato é que esse episódio interferiu negativamente no estado emocional de Lattes, que entrou em depressão, conforme conta o professor Turtelli. "Foi um grande baque para ele", diz.

**Escritório** – O Jornal da Unicamp teve acesso à casa de Cesar Lattes, mais especificamente ao seu escritório de trabalho. O local, cujas paredes estão cobertas por fotografias de familiares e grandes cientistas, é de uma simplicidade franciscana, característica de Lattes já destacada neste texto. O cômodo, suficiente para receber no máximo dois visitantes, tem um jeitão de casa de avó, que em nada lembra a celebridade do seu ex-ocupante. O espaço pouco chama a atenção, a não ser por dois detalhes. O primeiro deles é um cigarro inacabado da marca Derby, que ainda repousa no interior de um cinzeiro. O filtro, como de costume, foi cortado à mão.

O outro aspecto que salta à visão é uma carta, possivelmente a última recebida por Lattes, que permanece sobre sua mesa. Nela, um cientista pede ao físico que interceda junto aos organismos de fomento à pesquisa, para que um deles libere recursos para a execução de um estudo. Objetivo: promover experiências que comprovem uma tese que contraria a teoria da relatividade. Se fosse possível alterar o cenário contido no escritório de Lattes, talvez fosse recomendada a inclusão de um pequeno cartaz com uma frase de Salomão, presente no Velho Testamento, que o físico gostava de repetir. "A sabedoria não entra de jeito algum na alma malvada". Ou, como lembra a filha Maria Teresa, a máxima cuja autoria atribui ao pai: "A verdade objetiva é a média ponderada da vontade de todos os seres animais vegetais e minerais".

Leia mais na página 20